

30. A INFLUÊNCIA DA NUTRIÇÃO NA PREVENÇÃO E MANEJO DA HIPERTENSÃO EM ADOLESCENTES GRÁVIDAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A SAÚDE MATERNO-INFANTIL

THE INFLUENCE OF NUTRITION ON THE PREVENTION AND MANAGEMENT OF HYPERTENSION IN PREGNANT ADOLESCENTS: CHALLENGES AND PERSPECTIVES FOR MATERNAL AND CHILD HEALTH.

EIXO TEMÁTICO: NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO NO CICLO GRAVÍDICO-PUERPERAL

Danilo Bonfim de Queiroz

nutricionista pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Mestre em Educação e Saúde pela Universidade Federal de São Paulo

Francisco José do Nascimento Junior

Bacharel em nutrição pela Universidade Cruzeiro do Sul

Leonardo Amorim Ribeiro

Bacharel em educação física pela UnB, Mestrado em engenharia biomédica pela UnB, Doutorando em educação física pela UnB, Graduando em nutrição pela UDF)

Adna Ellen Almeida dos Anjos

Graduanda em Enfermagem pela UNIFG

Amanda Veríssimo Nunes

Graduanda em Enfermagem pela UNIFG

Mylena Aciole de Lima Bastos

Graduanda em Enfermagem pela UNIFG

Eduarda José da Silva

Graduanda em Enfermagem pela UNIBRA

Fernanda Gonçalves da Silva

Bacharel em Nutrição pela UFPE e mestranda em Nutrição pela UFPE

Maria Taynara Santos da Silva

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário do Vale do Ipojuca - UNIFAVIP|WYDEN

Maria Gabrielle Fernandes Vieira

Bacharel em Direito. Doutoranda em Ciências Sociais pela UFABAC

RESUMO

Introdução: O tema da hipertensão durante a gravidez na adolescência tem despertado crescente atenção no campo da saúde pública, por se tratar de uma condição que associa vulnerabilidades biológicas e sociais e que pode gerar complicações graves tanto para a mãe quanto para o bebê. Nesse contexto, a nutrição desempenha papel fundamental, uma vez que hábitos alimentares inadequados e deficiências nutricionais podem contribuir para o desenvolvimento e agravamento da hipertensão gestacional. A análise dessa problemática

permite refletir sobre estratégias de prevenção e manejo voltadas para adolescentes grávidas, visando à promoção de uma gestação mais saudável e à redução de riscos maternos e perinatais. **Objetivo:** O objetivo geral do estudo consiste em analisar a influência da nutrição na prevenção e no manejo da hipertensão em adolescentes grávidas. Os objetivos específicos consistem em identificar os principais fatores nutricionais relacionados ao desenvolvimento da hipertensão nesse grupo, discutir os riscos decorrentes da hipertensão gestacional para a saúde materno-infantil e examinar a importância da educação alimentar como estratégia de prevenção e cuidado. O problema de pesquisa orienta-se pela seguinte questão: de que forma a nutrição pode contribuir para prevenir e manejar a hipertensão em adolescentes grávidas? **Metodologia:** A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de produções científicas recentes relacionadas ao tema. **Resultados e Discussão:** Como resultado, observou-se que a adoção de práticas alimentares equilibradas pode reduzir significativamente a incidência da hipertensão gestacional, sendo a educação nutricional uma estratégia essencial para fortalecer a autonomia e a saúde das adolescentes grávidas. **Conclusão:** Conclui-se que o investimento em políticas públicas de orientação alimentar e acompanhamento especializado pode ampliar a qualidade da atenção materno-infantil e minimizar complicações decorrentes da hipertensão durante a gravidez na adolescência.

Palavras-chave: hipertensão; adolescência; gravidez; nutrição

ABSTRACT

Introduction: Hypertension during pregnancy in adolescence has attracted increasing attention in the field of public health, as it is a condition that combines biological and social vulnerabilities and may lead to severe complications for both mother and baby. In this context, nutrition plays a fundamental role, since inadequate eating habits and nutritional deficiencies can contribute to the development and worsening of gestational hypertension. The analysis of this issue allows for reflection on prevention and management strategies directed at pregnant adolescents, aiming at promoting a healthier pregnancy and reducing maternal and perinatal risks. **Objective:** The general objective of the study is to analyze the influence of nutrition on the prevention and management of hypertension in pregnant adolescents. The specific objectives are to identify the main nutritional factors related to the development of hypertension in this group, to discuss the risks arising from gestational hypertension for maternal and child health, and to examine the importance of food education as a strategy for prevention and care. The research problem is guided by the following question: how can nutrition contribute to preventing and managing hypertension in pregnant adolescents? **Methodology:** The methodology used was bibliographic research, based on the analysis of recent scientific literature related to the theme. **Results and Discussion:** As a result, it was observed that the adoption of balanced dietary practices can significantly reduce the incidence of gestational hypertension, with nutritional education being an essential

strategy to strengthen the autonomy and health of pregnant adolescents. **Conclusion:** It is concluded that investment in public policies for nutritional guidance and specialized follow-up can improve the quality of maternal and child care and minimize complications resulting from hypertension during adolescent pregnancy.

Keywords: hypertension; adolescence; pregnancy; nutrition

INTRODUÇÃO

A hipertensão durante a gravidez em adolescentes constitui um fenômeno de grande relevância para a saúde pública, especialmente quando analisado sob a perspectiva das múltiplas vulnerabilidades que marcam essa fase da vida. A gestação precoce, além de se configurar como um evento de impacto biopsicossocial, expõe jovens mães a condições de risco que podem comprometer tanto o desenvolvimento fetal quanto a saúde materna. Entre essas condições, a hipertensão gestacional ocupa posição de destaque, uma vez que pode desencadear quadros graves, como pré-eclâmpsia e eclâmpsia, aumentando a mortalidade e a morbidade materno-infantil. Nesse cenário, a nutrição desempenha papel central, visto que a qualidade da alimentação exerce influência direta sobre a manutenção da pressão arterial, podendo atuar como fator de prevenção ou de agravamento das complicações. Assim, compreender a relação entre nutrição, gravidez na adolescência e hipertensão torna-se indispensável para construir estratégias de cuidado mais eficazes e humanizadas.

O problema de pesquisa que orienta esta investigação pode ser sintetizado na seguinte pergunta: de que forma a nutrição pode contribuir para prevenir e manejar a hipertensão em adolescentes grávidas? Para responder a essa questão, definiu-se como objetivo geral analisar a influência da nutrição na prevenção e no manejo da hipertensão durante a gravidez na adolescência. Como desdobramentos desse objetivo central, delimitam-se os seguintes objetivos específicos: identificar os fatores nutricionais mais associados ao desenvolvimento da hipertensão nesse grupo, discutir os riscos decorrentes da hipertensão gestacional para a saúde materno-infantil e examinar a relevância da educação alimentar como estratégia de

cuidado e prevenção. A formulação desses objetivos possibilita organizar a análise de maneira sistemática, permitindo que o estudo avance em etapas coerentes que dialogam entre si.

A justificativa para a escolha do tema está vinculada à necessidade de se compreender como fatores nutricionais interferem no desenvolvimento e no manejo da hipertensão em adolescentes grávidas, considerando que esse grupo se encontra em condição de maior vulnerabilidade biológica, psicológica e social. A investigação se mostra relevante não apenas pela possibilidade de contribuir para a produção acadêmica, mas sobretudo por seu potencial de subsidiar políticas públicas e práticas de saúde que ampliem a qualidade do cuidado prestado. Ao integrar dimensões nutricionais, clínicas e sociais, o estudo reforça a importância de uma abordagem interdisciplinar para enfrentar problemas complexos da saúde materno-infantil, contribuindo para a construção de soluções que respeitem a especificidade da adolescência e assegurem melhores perspectivas de saúde para mães e filhos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise de produções científicas que abordam a hipertensão gestacional, a gravidez na adolescência e a influência da nutrição nesses contextos. Esse caminho metodológico foi escolhido porque possibilita reunir, examinar e articular o conhecimento já produzido, construindo uma base sólida para compreender as inter-relações entre os elementos do tema. Além disso, a pesquisa bibliográfica se mostra adequada por permitir um levantamento abrangente e crítico de estudos recentes, oferecendo subsídios para a reflexão e para a proposição de caminhos futuros no enfrentamento do problema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definição De Adolescente

A definição de adolescente varia conforme os referenciais adotados, podendo assumir dimensões biológicas, legais, sociais e culturais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece como adolescência o intervalo compreendido entre os 10 e os 19 anos de idade,

considerando critérios cronológicos para fins de padronização epidemiológica e elaboração de políticas públicas de saúde (Organização Mundial da Saúde apud BRASIL, 2007). Essa delimitação é amplamente adotada em estudos internacionais e permite a comparabilidade entre populações e contextos distintos.

Sob a perspectiva biológica, a adolescência é marcada pelo início da puberdade, que envolve profundas alterações hormonais, fisiológicas e morfológicas. É nesse período que ocorrem o crescimento acelerado, a maturação sexual e o desenvolvimento das características sexuais secundárias (Bell, 2016). No entanto, embora a puberdade seja um marco inicial, o desenvolvimento neurobiológico prossegue até aproximadamente os 25 anos, especialmente nas áreas cerebrais associadas ao controle inibitório, julgamento e planejamento futuro, como o córtex pré-frontal (Blakemore; Mills, 2014). Essas descobertas têm fundamentado o alargamento da noção funcional de adolescência em diversas áreas do conhecimento.

No plano psicológico e social, a adolescência é compreendida como uma fase de transição identitária, intensas transformações emocionais, construção da autonomia e redefinição dos vínculos sociais. Trata-se de um momento de reorganização interna diante das demandas culturais e das pressões de socialização impostas pelo meio. O adolescente passa a buscar sentido para sua experiência no mundo por meio de grupos de pares, da mídia, da escola e de interações cada vez mais complexas com instituições (Bell, 2016; Steinberg, 2014). Nessa etapa, ocorrem importantes processos de autoavaliação, experimentação e posicionamento frente a valores, crenças e expectativas sociais.

Do ponto de vista jurídico, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente toda pessoa entre 12 e 18 anos de idade, podendo, excepcionalmente, estender-se até os 21 anos para efeitos de responsabilização e proteção (Brasil, 1990). Essa definição é importante para a delimitação de direitos, deveres e garantias legais no âmbito nacional. Já documentos de políticas públicas, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens, reconhecem a sobreposição entre as categorias “adolescente” (10 a 19

anos) e “jovem” (15 a 24 anos), adotando uma abordagem mais inclusiva e contextualizada (Brasil, 2007).

É importante destacar que a adolescência é uma construção social e histórica, cujas fronteiras são maleáveis e influenciadas por variáveis como classe social, gênero, etnia, cultura e tempo histórico. Em sociedades tradicionais, a adolescência pode ser inexistente como conceito isolado, sendo substituída por rituais de passagem diretos da infância para a vida adulta. Já em contextos urbanos contemporâneos, a transição para a vida adulta tem sido postergada, prolongando o status de adolescente ou jovem por maior tempo (Bennett; Robards, 2013). Essa heterogeneidade evidencia que nenhuma definição única de adolescência é capaz de capturar todas as nuances desse período do desenvolvimento humano.

Diante dessas múltiplas perspectivas, o presente estudo adota a definição estabelecida pela Organização Mundial da Saúde, compreendendo adolescentes como pessoas entre 10 e 19 anos de idade. Essa escolha se justifica pela ampla aceitação internacional do critério cronológico da OMS, que favorece a comparabilidade entre estudos, padronizar a coleta de dados epidemiológicos e orientar políticas públicas globais. Além disso, essa delimitação contempla tanto os marcos biológicos do início da puberdade quanto os desafios psicossociais da transição juvenil. Reconhece-se, no entanto, que essa definição é operacional e não abarca toda a complexidade da experiência adolescente, sendo necessário, ao longo da análise, considerar também as intersecções culturais, históricas e contextuais que moldam o significado da adolescência em diferentes realidades.

A INFLUÊNCIA DA NUTRIÇÃO NA PREVENÇÃO E MANEJO DA HIPERTENSÃO EM ADOLESCENTES GRÁVIDAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A SAÚDE MATERNO-INFANTIL

A hipertensão na gestação adolescente deve ser compreendida como um fenômeno multifacetado que emerge da confluência entre demandas biológicas do crescimento, vulnerabilidades psicossociais, barreiras de acesso aos serviços e determinantes estruturais

que modulam o cuidado pré-natal, e é precisamente nesse entrelaçamento que a nutrição ocupa lugar estratégico tanto na prevenção quanto no manejo clínico. Ao considerar que a adolescente gestante simultaneamente completa seu próprio desenvolvimento e sustenta as exigências metabólicas da gestação, torna-se evidente que déficits de macro e micronutrientes, padrões alimentares marcados por ultraprocessados e ingestão excessiva de sódio, bem como o manejo inadequado do ganho ponderal, amplificam disfunções endoteliais e inflamatórias relacionadas à hipertensão gestacional, com repercussões que atravessam desfechos perinatais e o curso de vida da díade mãe-bebê, quadro já problematizado no campo da saúde da criança e do adolescente em chave prospectiva e intersetorial por Ribeiro e Soares (2024). A literatura de risco obstétrico sinaliza, ademais, que a gravidez na adolescência pode associar-se a maior susceptibilidade para pré-eclâmpsia, não apenas por fatores biológicos, mas por contextos de vulnerabilidade social e acesso irregular ao cuidado, exigindo leitura crítica que integre evidências sobre risco, proteção e cuidado centrado na pessoa, como discutem Braga et al. (2021).

Sob a ótica da prevenção, a educação alimentar e nutricional orientada para escolhas saudáveis, manejo do ganho de peso e adequação de micronutrientes com ênfase em cálcio, ferro e folatos desponta como eixo de baixo custo e alta relação benefício-risco, mas seu impacto depende de desenho pedagógico sensível às condições reais de vida, à cultura alimentar e aos itinerários terapêuticos que as adolescentes de fato percorrem; nesse sentido, a eficácia de estratégias nutricionais se eleva quando articulada a protocolos clínicos para gestação de alto risco que incluam triagem precoce de hipertensão, monitoramento pressórico e metas pactuadas de adesão, em consonância com recomendações de manejo integrado debatidas por Pedroni *et al.* (2023).

Além disso, a profilaxia e o manejo da pré-eclâmpsia, que passam por intervenções como suplementação de cálcio em contextos de baixa ingestão e outras medidas de baixo risco, demonstram que a nutrição não é acessório, mas componente da linha de cuidado, ainda que a implementação esbarre em heterogeneidades regionais de oferta e em lacunas de rastreio oportuno, desafios sintetizados por Araujo *et al.* (2025). Nesse ponto, a nutrição,

quando compreendida como tecnologia leve-dura do cuidado, opera tanto sobre fatores próximos (ingestão, ganho de peso, composição dietética) quanto sobre mediadores psicossociais (autonomia, autoeficácia, literacia em saúde), ao mesmo tempo em que demanda suporte organizacional para que o aconselhamento seja longitudinal, ativo e responsivo.

A operacionalização desse escopo, entretanto, revela-se assimétrica na prática cotidiana: equipes da Atenção Primária à Saúde enfrentam sobrecarga, descontinuidade de vínculos, rotatividade de profissionais e limites no trabalho interprofissional, o que fragiliza a oferta regular de educação alimentar e o monitoramento do ganho ponderal e da pressão arterial; essas tensões são mapeadas no balanço entre conquistas e obstáculos da atenção primária e da produção de saúde coletiva, que demandam qualificação permanente, integração em redes e governança clínica orientada a resultados, como assinalam Dourado *et al.* (2021). O pré-natal na adolescência permanece permeado por descompassos entre diretrizes e realidade, incluindo início tardio, suboferta de consultas e baixa adesão a recomendações, o que compromete o rastreamento de fatores dietéticos e a identificação precoce de sinais de gravidade, lacunas já criticamente sistematizadas por Miranda *et al.* (2013). Tais condições tornam a atenção qualificada às gestantes adolescentes um imperativo não apenas técnico, mas ético e político, envolvendo a reorganização do cuidado com acolhimento, escuta e plano terapêutico singular que contemple metas nutricionais factíveis e monitoráveis, perspectiva enfatizada por Abreu *et al.* (s.d.).

No nível micropolítico do cuidado, a literatura em educação em saúde destaca que a potência transformadora do aconselhamento nutricional deriva de processos dialógicos, pedagogias ativas e reconhecimento das experiências das adolescentes, com papel proeminente da Enfermagem na coordenação do pré-natal, na leitura de riscos e na mediação de planos alimentares realistas frente à insegurança alimentar e aos constrangimentos do cotidiano, como analisa Albuquerque (2024). Relatos de experiência em ações educativas indicam que oficinas culinárias acessíveis, rodas de conversa com pares, uso de linguagem não culpabilizante e coprodução de metas de curto prazo favorecem adesão e reduzem evasão, com efeitos sobre autocuidado, vigilância de sinais de alarme e engajamento familiar,

elementos demonstrados em intervenções que articulam promoção da saúde materno-infantil com metodologias participativas, como descrevem Silva et al. (2023). Quando articuladas a linhas de cuidado de alto risco, essas estratégias potencializam o rastreamento de sintomas prodrômicos, o ajuste precoce de condutas e a escalada oportuna do cuidado, integrando dimensões clínicas e pedagógicas e respondendo ao princípio de longitudinalidade defendido nos modelos de gestão de risco, como reforçam Pedroni et al. (2023).

Em perspectiva, desenhar políticas e práticas robustas para a prevenção e o manejo da hipertensão em gestantes adolescentes requer assumir a nutrição como eixo transversal de cuidado, com ações intersetoriais que envolvam escola, rede de proteção social e serviços de saúde, incorporem monitoramento do ganho ponderal, facilitem acesso a alimentos in natura e minimizem barreiras econômicas que empurram para dietas hipertensogênicas; demanda também investir em formação e supervisão clínica para equipes, garantir métricas de desempenho que valorizem educação alimentar qualificada e assegurar sistemas de informação que capturem adequadamente risco nutricional e desfechos materno-infantis, agenda coerente com a visão de ciclo de vida trazida por Ribeiro e Soares (2024).

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que a adolescência como fator de risco para pré-eclâmpsia não se traduz automaticamente em determinação biológica, mas em inequidades moduladas por contexto, o que convoca vigilância ativa e prevenção combinada que una componentes nutricionais, clínicos e psicossociais, como problematizam Braga *et al.* (2021). Por fim, o avanço exige alinhar protocolos de profilaxia baseados em evidências com a realidade dos territórios, qualificando o acompanhamento e a estratificação de risco para que a “boa recomendação” seja viável, rastreável e efetiva na ponta, um horizonte de melhoria contínua sustentado pelas sínteses críticas de Araujo *et al.* (2025) e pelo chamado à reorganização do pré-natal adolescente em chave resolutiva e acolhedora proposto por Miranda *et al.* (2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram compreender de maneira ampla a influência da nutrição na prevenção e no manejo da hipertensão em adolescentes grávidas, ressaltando os desafios e as perspectivas para a saúde materno-infantil. O objetivo geral de analisar a relação entre nutrição e hipertensão gestacional foi alcançado, assim como os objetivos específicos de identificar os fatores nutricionais associados, discutir os riscos decorrentes da hipertensão e examinar a relevância da educação alimentar como estratégia preventiva. As análises evidenciaram que a adoção de práticas nutricionais equilibradas, aliada a políticas públicas e a uma atenção pré-natal qualificada, tem potencial para reduzir a incidência de complicações maternas e neonatais, confirmando a hipótese de que a nutrição exerce papel central nesse contexto.

Entre as principais contribuições do estudo, destaca-se, em termos teóricos, o aprofundamento das discussões sobre a intersecção entre nutrição, adolescência e saúde materno-infantil, ampliando o campo de debate acadêmico. Do ponto de vista prático, a pesquisa indica caminhos para o fortalecimento da educação alimentar no pré-natal de adolescentes, apontando possibilidades de atuação para profissionais de saúde e gestores. Já no âmbito social, o estudo oferece subsídios que podem favorecer a construção de estratégias intersetoriais de promoção da saúde, com repercussões positivas na redução de desigualdades e no cuidado integral de mães e bebês em situação de vulnerabilidade.

Entretanto, algumas limitações devem ser reconhecidas. A natureza bibliográfica da investigação restringe a análise à interpretação de estudos já produzidos, o que impossibilita a observação direta da realidade e o levantamento de dados empíricos. Além disso, a escassez de pesquisas que articulem especificamente nutrição, gravidez na adolescência e hipertensão evidencia a necessidade de maior investimento científico nessa temática.

Como desdobramentos futuros, sugere-se a realização de pesquisas empíricas que avaliem intervenções nutricionais voltadas a gestantes adolescentes em diferentes contextos socioculturais, bem como estudos longitudinais que acompanhem os efeitos da educação alimentar na saúde materno-infantil a longo prazo. Investigações que explorem a interface

entre segurança alimentar, políticas públicas e prevenção da hipertensão gestacional também se mostram fundamentais para a consolidação de práticas mais equitativas e eficazes.

Dessa forma, conclui-se que o trabalho contribui para a compreensão crítica de um problema de saúde pública que exige respostas integradas, ao mesmo tempo em que abre caminhos para novas pesquisas e práticas que reforcem o papel central da nutrição na promoção de gestações mais seguras e na garantia de melhores condições de vida para mães adolescentes e seus filhos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. B.; VINHATI, P. L. S.; ROLIM, L. M. L.; CARVALHO ALBUQUERQUE, B.; OLIVEIRA ARSEGO, A. P.; CARVALHO, F. P. Pré-eclâmpsia: desafios e impactos da profilaxia na saúde materno-infantil. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, n. 2, p. 2526-2548, 2025.

ALBUQUERQUE, C. P. S. D. **Educação em saúde: possibilidades e desafios na atuação dos enfermeiros no pré-natal de gestantes adolescentes**. 2024. Dissertação (Mestrado) – [s.n.], 2024.

BRAGA, J. C.; CRUZ, M. B.; LARA RIBEIRO, J.; CARMO, E. C. Q.; BARROS HIROTA, V.; MUÑOZ, J. W. P.; FUKUSHIMA, A. R. Gravidez na adolescência como fator de risco para pré-eclâmpsia: revisão sistemática da literatura. **Revista Multidisciplinar da Saúde**, v. 3, n. 2, p. 37-49, 2021.

DOURADO, G. D. O. L.; NASCIMENTO CARVALHO, I. L.; ABREU, I. M.; BARBOSA, I. C. F. J.; PENHA, J. C.; BEZERRA, M. A. R.; ROCHA, R. C. Atenção primária à saúde: conquistas e desafios na produção de saúde coletiva. Curitiba: Editora CRV, 2021.

MIRANDA, F. R. D.; TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M.; BLANCO, M. N.; OLIVEIRA RODRIGUES, A. Pré-natal na adolescência: uma revisão crítica. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 43-50, 2013.

PEDRONI, J. L.; RÉGO, H. M. A.; HOFFMANN, R.; FREITAS POSTIGO, I. S.; FOOK, A. M. P. L.; LOSS, E. C.; BARROS, R. P. Gestão de gravidez de alto risco: estratégias clínicas e resultados materno-infantis. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 6244-6268, 2023.

RIBEIRO, D. F.; SOARES, A. M. **Saúde da criança e do adolescente: desafios e perspectivas**. Vol. 6. Curitiba: AYA Editora, 2024.

SILVA, T. J. P.; NASCIMENTO OLIVEIRA, N. C.; MEDEIROS, G. E. M.; SANTOS FARIAS, H. L.; ALMEIDA ALOISE, D. Relato de experiência em uma ação educativa para promoção da saúde materno-infantil. In: Livros da Editora Integrar. Curitiba: **Editora Integrar**, 2023. p. 54-64.

ABREU, L. D. P.; SÁ BARRETO, M. N. A.; SILVEIRA, M. G. M.; ARAÚJO, A. F.; ABREU, F. E. P.; SOUZA, E. A.; SILVA, M. A. M. **Atenção qualificada às gestantes adolescentes: desafios e perspectivas no contexto da atenção primária. Os organizadores declaram a revisão e aprovação dos manuscritos pelos membros do Conselho Editorial**, p. 165, [s.d.].